

PANORAMA DA HISTORIOGRAFIA LINGÜÍSTICA

Priscila Figueiredo da Mata (UEMS)

priscilafdmata@hotmail.com

Nataniel dos Santos Gomes (UEMS)

nataniel@uems.br

A historiografia linguística é uma subárea de letras e linguística. Conforme Nascimento (2005), tal disciplina tem por escopo lidar com “[...] questões da periodização, de contextualização e com temas relativos à prática linguística efetiva, com o intuito de identificar diferentes fases de desenvolvimento da língua ou de períodos mais longos.”

Entre os teóricos mais expressivos destaca-se Konrad Koerner (*Questões que persistem em historiografia*), que apresenta os princípios da historiografia. Pierre Swiggers (*Methodologie de L’Historiographie da Linguistique e Qu’est ce qu’une theorie (en) Linguistique*) apresenta questões metodológicas e teóricas que levam a historiografia linguística ao *status* de disciplina científica, além de questões ligadas ao método e ao estudo científico dela (ALMEIDA, 2010, p. 54).

1. Breve histórico da historiografia linguística e os princípios metodológicos de Konrad Koene

A historiografia linguística está estritamente ligada à história, e passou a ganhar forças quando a ciência histórica sofreu momentos de ruptura, deixando de ser vista como mero relato de acontecimentos (BASTOS; PALMA, 2004).

A “*Escola dos Annales*”, fundada por Marc Bloch e Lucien Febvre, contribuiu com novos paradigmas, com novos rumos para a História e novas possibilidades de estudos em outras áreas.

Além da *Escola dos Annales*, outra foi a corrente que fomentou os estudos de historiografia linguística, a anglo-saxônica. É nesse contexto que se encontram os representantes anteriormente citados como os principais na seara de HL: Koerner e Swiggers. Para Godoy (2009, p.182) “Esses autores tiveram a preocupação de estruturar uma metodologia para a pesquisa historiográfica linguística”.

Quanto aos métodos que legitimaram a historiografia linguística

como corrente linguística pode-se citar: contextualização, imanência e adequação.

O primeiro é a contextualização. “O primeiro princípio [...] diz respeito ao estabelecimento do ‘clima de opinião’ geral do período em que as teorias se desenvolveram” (KOERNER, 1996, p. 60). Para ele é importante observar o pensamento intelectual da época que influencia o quadro linguístico naquele contexto histórico.

Em seguida, ele apresenta o princípio da imanência, ou seja, as dimensões internas da língua. Esse princípio consiste na busca da língua em documentos históricos, a busca da análise da língua em si mesma. Através deste princípio analisa-se o quadro linguístico da época, verificando a terminologia adotada para assim compreender a língua e a sua estrutura interna. “[...] o próximo passo consiste no esforço de estabelecer um entendimento completo, tanto histórico quanto crítico [...]” (KOERNER, 1996, p. 60).

O terceiro princípio é a adequação. Tal abordagem segue a perspectiva interna da língua, de forma complementar, buscando a aproximação ou o distanciamento temporal e cultural do recorte histórico, em especial, o linguístico, observadas as aproximações terminológicas da língua. (KOERNER, 1996, p. 60)

Koerner (1996) atribuiu à historiografia linguística um quadro de pesquisa que permite ao fazer historiográfico um trabalho que inclui dimensões internas e externas à língua.

2. *Historiografia da língua portuguesa*

Como já acentuado anteriormente, a historiografia linguística é um estudo que necessita de uma conjugação de disciplinas para que se alcance o intento desejado. Sendo assim, fatores históricos e linguísticos devem ser estudados lado a lado.

Os fatores históricos explicam a miscigenação linguística em nosso país, que não se restringe ao duo língua autóctone-língua colonizadora. É sabido que em fases subsequentes outros povos aqui aportaram, ajudando a construir os matizes históricos, culturais e linguísticos do Brasil.

Em meio a todos esses fatores, a historiografia linguística surge como uma matéria de carga multidisciplinar que busca delinear os traços

de uma língua. Compreender todo o invólucro que permeia a língua portuguesa é tarefa dessa disciplina.

2.1. A contribuição dos missionários para a historiografia linguística

Tratando especificamente da contribuição dos jesuítas para a historiografia linguística nos países colonizados (como é o caso do Brasil) é importante destacar alguns estudiosos contemporâneos, como Cristina Altman, que se dedicam à investigação dessa disciplina. A obra *Retrospectivas e perspectivas da historiografia da linguística no Brasil* da autora será uma das fontes utilizadas para o embasamento das questões atinentes às produções historiográficas no Brasil no período da chegada dos missionários nas colônias.

Os religiosos que vinham propagar o cristianismo na terra colonizada se empenhavam não somente em ensinar sua língua, mas também em aprender a língua dos nativos. Daí a importância em se conhecer os trabalhos produzidos na fase colonial, já que estes foram os primeiros registros das línguas que futuramente se fundiriam à língua colonizadora e gerariam a língua hispano-americana e a língua portuguesa do Brasil, cada qual com sua peculiaridade em relação à “língua-mãe”.

O trabalho dos missionários nos séculos XVI a XVIII não era algo pontual, ao contrário, a produção na seara linguística nessa fase histórica era efervescente, justamente para criar um liame entre os povos colonizados e os colonizadores. Aliás, estudar a língua era também uma forma de compreender o aspecto “exótico” daquele povo.

Com relação à expansão das gramáticas advindas do trabalho missionário, cumpre esclarecer que elas foram desenvolvidas com mais ênfase ao longo dos séculos XVII e XVIII e, serviram de base para produções posteriores. Em nosso país, há referências a contribuições do célebre jesuíta do Brasil colonial, o padre José de Anchieta.

Diante das exposições, fica demonstrada a contribuição dos missionários na confecção de trabalhos na questão da língua. Cabe esclarecer, contudo, que essa produção não foi sentida por Joaquim Mattoso Câmara Jr. como uma herança descritiva de cunho científico. Para esse linguista, ao catalogar as línguas dos povos nativos, os religiosos que nas colônias estavam, buscavam muito mais firmar seu papel de propagador da cultura religiosa do colonizador, do que de cientistas da linguagem

(ALTMAN, 2009).

Em que pese a constatação crítica de Mattoso acerca dos trabalhos jesuíticos quanto à catalogação das línguas, Altman (2009) enaltece a importância dos catequéticos para as futuras gerações de linguistas. Ela entende que mesmo com limitações, o trabalho dos missionários na seara da linguística abriu espaço para uma nova maneira de se fazer a gramática, em que o clássico cedeu espaço para uma linguística nova, contudo, não sendo registrada pela historiografia canônica.

2.2. As produções linguísticas no Segundo Reinado

Outra importante obra acerca da historiografia linguística no Brasil é da pesquisadora Olga Coelho, *Léxico, Ideologia e a Historiografia Linguística do Século das Identidades*. Nessa produção, a autora traz à luz os aspectos da historiografia linguística no Segundo Reinado, momento em que havia uma busca pelo nacionalismo.

Inicialmente, a autora aponta que foi nessa fase que o Brasil começou a resgatar os símbolos nacionais, uma vez que foi o momento em que se deparou, pela primeira vez, com um governante nascido em solo nacional.

A constatação da autora é que os dicionários e artigos publicados à época desse crescente nacionalismo (século XIX) primam por demonstrar as singularidades do português do Brasil com relação ao português de Portugal.

No bojo de seu trabalho, a autora traz diversos trechos de artigos que demonstram um forte caráter de busca pela consolidação de nossa língua como autônoma. Expressões como *individualidade, independência, nacionalidade, brasileiro, linguagem nacional* e etc., são encontradas maciçamente nestes trabalhos linguísticos do século XIX, e tudo isso reforça o quanto era buscado um olhar para a língua portuguesa “brasileira”.

O que os estudiosos da época buscavam era uma difusão dos brasileirismos através de uma adequação dos dicionários à língua propriamente falada. Muito do que estava formalizado nos trabalhos linguísticos da época não representava a realidade falada do povo brasileiro. Assim, era necessário realizar um trabalho que contemplasse o que de fato estava sendo vivenciado pela população no quesito língua.

Mesmo com todos os argumentos tecidos pelos estudiosos que propunham um nacionalismo da língua, a autora conclui que o método utilizado por eles era envolvimento de subjetivismo, critérios opinativos e predileções.

O clima de nacionalismo foi um fato gerador de parcialidade de alguns estudiosos da época, que destacavam nossa língua como melhor que a de Portugal. Faltava isenção nas pesquisas, deixando os trabalhos envolvidos de opiniões pessoais tornando-os, portanto, subjetivos.

Para exemplificar, a autora traz algumas definições dicionarizadas da época, grifando as observações que ela julgou mais importantes para demonstrar o trato “opinativo”:

Fullo *adj.* 1) cor de mulato escuro-avermelhado, preto-amarelado, como são os fulbê ou Fullas, pl. de Pulo, nação da África ocidental, situada entre o Senegal e o Niger, vizinhos dos mandingas; cabelos crespos, mas não lanuzados como os dos negros: cor parda clara, ou antes avermelhada; face ortognata; nariz pequeno, cartilaginoso e aquilino; *cara agradável; mais inteligentes, e em geral de melhor caráter que os negros...* (SOARES *apud* COELHO, 2003, p. 162)

Na definição acima (fullo), verifica-se alta carga opinativa (e, diga-se de passagem, preconceituosa em relação ao negro), onde se afirma que esse mulato é mais agradável, inteligente e de melhor caráter que o negro. Veja que tal conceito encontra-se na obra de Soares, um dos estudiosos que levantou a bandeira da autonomia de nossa língua.

Verifica-se que em razão da onda de nacionalismo crescente à época de D. Pedro II, os trabalhos linguísticos seguiram a tendência de afirmar a autonomia de nosso país com relação a Portugal, o que resultou em produções lexicais que visavam reforçar nossa independência linguística.

Percebe-se, contudo, que muitos dos trabalhos foram tendenciosos e de cunho opinativo, já que o nacionalismo e a vontade de exaltar as peculiaridades do Brasil, enquanto país independente e dono de si, permeavam os ideais da época. Sendo assim, as produções desse período devem ser vistas com alguma reserva.

2.3. Contribuições à língua portuguesa nos séculos XIX e XX

Prosseguindo na apresentação das contribuições às questões linguísticas no Brasil, ressalta-se o trabalho de três estudiosos que se desta-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

caram no século XIX (à época da República Velha – período da República que vai de 1889 a 1930) e no século XX, que são Eduardo Carlos Pereira (1855), Joaquim Mattoso Câmara Jr. (1904) e Celso Cunha (1917).

O estudioso Eduardo Carlos Pereira nasceu em 8 de novembro de 1855, em Caldas, Minas Gerais. Atuou fortemente no Brasil no período denominado República Velha, oportunidade em que se dedicou ao trabalho de gramático e filólogo.

No vasto trabalho de Pereira verificam-se, além da elaboração de gramáticas e artigos, obras de cunho religioso, tais como a tradução da Bíblia Sagrada presbiteriana (1917). Tal envolvimento com matérias sacras se deve ao fato de ele ter interesse teológico-cristão (ALMEIDA, 2007, p. 85).

No tocante à sua atuação profissional nas letras, a produção das gramáticas de Eduardo se deu no momento em que o país passava por mudanças na organização do ensino da língua vernácula. A fim de adequar os padrões de ensino do Colégio Pedro II a novos moldes, o diretor do colégio propõe a vários professores uma reestruturação do ensino secundário, o que ensejou uma efervescência no campo das produções de materiais didáticos.

Nesse contexto, Eduardo Carlos Pereira produz as gramáticas *Expositiva – Curso Superior* e *Expositiva – Curso Elementar* em 1907 e, no ano de 1915 termina a *Gramática Histórica*, publicando-a em 1916. Trabalhando como docente ele se valia de suas produções ao ministrar as aulas.

Outro estudioso de grande importância no Brasil é o Joaquim Mattoso Câmara Jr., que se destacou no século seguinte a Eduardo Carlos Pereira. Nascido em 13 de abril de 1904, no Rio de Janeiro, este autor estudou Arquitetura e Direito, mas o que lhe dava satisfação profissional era o magistério. Estudou e se aperfeiçoou no Brasil e no exterior.

Mattoso Câmara Jr., durante sua trajetória, teve acesso a vários nomes da linguística, tendo frequentado os mais variados cursos em diversos países. Aos poucos, com essas influências, o estudioso vai sedimentando sua teoria.

O autor se dedicou a estudar e descrever a língua, o que culminou na produção de importantes obras com o fim de renovar as metodologias de ensino gramatical no país. Algumas de suas produções foram publicadas em 1953, 1954, 1956, 1969, 1972 e 1975, tendo ainda uma obra pós-

tuma em seu currículo, que é a *Estrutura da Língua Portuguesa*.

O autor é responsável por um novo referencial teórico no Brasil, que é o estruturalismo, e sua obra mais célebre é *Princípios de Linguística Geral*.

Outro importante nome que marca o estudo da língua é Celso Cunha. Nascido em Otoni, Minas Gerais, em 10 de maio de 1917, Celso Cunha se destacou por ser professor, ensaísta e filólogo. Apesar de Celso Cunha ter se formado em direito, foi às letras que ele devotou sua carreira profissional.

Quanto ao primeiro pilar de sua contribuição, qual seja, o estudo dos cancionários, este foi de grande relevância para o conhecimento e origem da língua, e serviu como tese de concurso. O de *Paay Gómez Charinho* data de 1947, sendo seguido por *Joan Zorro*, com data de 1949 e *Martin Codax*, de 1956.⁶⁵

Sobre sua dedicação às gramáticas, pode-se destacar o *Manual de Português*, que foi publicado em 1965.

Com relação aos ensaios sobre a língua, Celso Cunha produziu “[...] *Língua portuguesa e realidade brasileira, A questão da norma culta brasileira, Uma política do idioma, Conservação e inovação do português no Brasil, Língua, nação, alienação e Em torno do conceito de brasileirismo*.”⁶⁶

Como se vê, Celso Cunha tem um vultoso trabalho na questão da língua. É importante destacar que, além de toda essa primorosa produção, ele atuou no magistério, ministrando aulas no Colégio Pedro II. Após iniciar suas atividades docentes no colégio acima mencionado, Cunha prossegue sua atuação docente na Faculdade Nacional de Filosofia.

2.4. Historiografia linguística no Brasil na atualidade

Atualmente pode-se citar a Universidade de São Paulo como um campo em que o debate e o estudo da historiografia linguística se faz presente. Com um corpo docente de estimáveis nomes na área da linguística, essa instituição tem trabalhado com questões dessa vertente.

⁶⁵ Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/vicnlf/celsocunha.html>>. Acesso em: 21-01-2013.

⁶⁶ *Idem Ibidem*.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

A professora Maria Cristina Fernandes Salles Altman, que tem um respeitável currículo na área de linguística, é um dos expoentes na área de historiografia linguística. Contando com pós-doutorado, Altman tem vasta experiência na matéria e é responsável por vários trabalhos nessa seara.

Outra professora que dedica seus estudos e pesquisas à historiografia linguística é Olga Ferreira Coelho, também docente da USP. Assim como Altman, é pós-doutora na matéria e sua área de interesse é historiografia linguística nos séculos XIX e XX. Igualmente atua no projeto *Documenta Grammaticae et Historiae*.

A USP é uma referência no tocante ao estudo da historiografia linguística, pois além de ter um corpo docente renomado, possui um Centro de Documentação de Historiografia Linguística.⁶⁷

A Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) é outra instituição de ensino que está engajada nos estudos de historiografia linguística. Em seu Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa, possui três linhas de pesquisa, sendo que a primeira é dedicada aos estudos descritivos e histórico-historiográficos da língua portuguesa, considerando a relação sistema e uso.⁶⁸

Um importante nome dedicado ao estudo da historiografia linguística na PUC-SP é o professor doutor Jarbas Vargas Nascimento. Em seu currículo, constam importantes produções nessa área de conhecimento, bem como projetos de pesquisa nessa vertente.

A Universidade Federal de Goiás (UFG), também se dedica ao estudo da historiografia linguística. O grupo de pesquisa “IMAGO Mostra-gem e Desenvolvimento Epistemológico da Historiografia dos Estudos da Linguagem” surgiu em 2006 e atualmente possui vários projetos em andamento.⁶⁹ O professor doutor Sebastião Elias Milani, é um dos nomes que tem se dedicado a estudos nesse campo.

Outra instituição de ensino cuida de investigar a historiografia linguística: Universidade Estadual de Goiás. O curso de letras dessa uni-

⁶⁷ Disponível em: <<http://linguistica.fflch.usp.br/cedoch>>. Acesso em: 30-12-2012.

⁶⁸ Disponível em: <http://www.pucsp.br/pos/lgport/linha_pesquisa/index.html>. Acesso em: 30-12-2012.

⁶⁹ Disponível em: <<http://imago.letras.ufg.br/pages/26519>>. Acesso em: 21-01-2013.

versidade possui um grupo de pesquisa nessa área de conhecimento. Denominado Grupo de Pesquisa em Teoria da História e Historiografia (GETH), ele visa propagar o estudo da historiografia, valendo-se, para tanto, de ciclo de seminários, palestras e cursos.⁷⁰

Além das manifestações acima, o grupo criou em 2009, a *Revista Eletrônica Expedições: Teoria da História e Historiografia* (ISSN: 2176-6386).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Miguél Eugenio. *Alfredo Clemente Pinto e suas contribuições para o ensino da língua portuguesa: Um estudo historiográfico*. Tese de Doutorado. São Paulo: PUC, 2007.

_____. Historiografia linguística aplicada às obras de gramática. In: PEREIRA, Danglei; RODRIGUES, Marlon Leal. (Orgs.). *Língua e literatura I: questões teóricas e práticas*. São Paulo: Nelpa, 2010.

ALTMAN. Retrospectivas e perspectivas da historiografia da linguística no Brasil. *Revista Argentina de Historiografia Linguística*, I, 2, 2009.

BASTOS, Neusa Maria Oliveira Barbosa; PALMA, Dieli Vesaro (Orgs.). *História entrelaçada: a construção de gramáticas e o ensino de língua portuguesa do século XVI ao XIX*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

CELSO Ferreira da Cunha: biografia resumida. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/vicnlf/celsocunha.html>>. Acesso em: 21-01-2013.

CENTRO de documentação. Disponível em: <<http://linguistica.fflch.usp.br/cedoch>>. Acesso em: 30-12-2012.

COELHO, Olga. Léxico, ideologia e a historiografia linguística do século das identidades. *Revista Letras*, Curitiba, n. 61, especial, UFPR, 2003.

GODOY, Eliana Vieira. Historiografia linguística: Um percurso histórico linguístico. *Revista Múltiplas Leituras*, v. 2, n. 2, 2009.

HISTORIOGRAFIA linguística UEG. Pesquisa. Disponível em: <<http://www.jussara.ueg.br/conteudo/1124>>. Acesso em: 21-01-2013.

⁷⁰ Disponível em: <<http://www.jussara.ueg.br/conteudo/1124>>. Acesso em: 21-01-2013.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

_____. UFG. IMAGO – Grupo de Historiografia de Pesquisa em Linguística. Disponível em: <<http://imago.lettras.ufg.br/pages/26519>>. Acesso em: 21-01-2013.

KOERNER, Konrad. Questões que persistem em historiografia linguística. *Revista da ANPOLL*, nº 2, p. 45, 1996.

LINHA de pesquisa. Disponível em:
<http://www.pucsp.br/pos/lgport/linha_pesquisa/index.html>. Acesso em: 30-03-2013.

NASCIMENTO, Jarbas Vargas. Fundamentos teórico-metodológicos da historiografia linguística. In: _____. (Org.). *A historiografia linguística: rumos possíveis*. São Paulo: Pulsar/Terras do Sonhar, 2005.